

# Implicações morais do perspectivismo de Nietzsche

Danilo Borges Medeiros<sup>1</sup>  
Wagner Lafaiete de Oliveira Júnior<sup>2</sup>

1 Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília – UCB. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Email: danilocss@hotmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6275-5474>

2 Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU. Email: Oliveirajunior.wl@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9732-1457>

**RESUMO:** O objetivo principal do artigo é o de apresentar as principais implicações morais da teoria do perspectivismo de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Para tanto, será necessário dividir a discussão em duas partes. Num primeiro momento, convém apresentar o perspectivismo do filósofo alemão com objetivos metodológicos, em busca de sua principal consequência negativa, qual seja: a impossibilidade de qualquer tipo de extra perspectivação sobre qualquer coisa que seja o mundo ou a realidade. A proposta do perspectivismo é a de que nenhuma consideração avaliativa pode puxar para si qualquer estatuto de neutralidade, outrossim, elas são sintomas de um dado tipo de existência, e assim, são determinadas. Após cumprir este primeiro trecho do trajeto, serão apresentadas as consequências morais advindas da falta desta escala neutra de avaliação e da constatação de quão determinadas são nossas avaliações e também nossas estruturas avaliativas. Demonstrar-se-á que a moralidade, quando levada em conta o perspectivismo, irá ser inscrita no plano da imanência da existência. Dadas às várias formas de vida a partir das quais múltiplas sensibilidades se relacionam e se transformam historicamente, a pretensão de justificação dos valores morais incide sobre como estas formas de vida dão conta e enfrentam a existência. Por fim, conveio a tarefa de examinar a possibilidade de se instituir um regime de hierarquização destas formas de vida.

Perspectivismo – Moralidade - Valores

**ABSTRACT:** *The fundamental objective of the article is to present the main moral implications of Friedrich Nietzsche's (1844-1900) theory of perspectivism. Therefore, it will be necessary to divide the discussion into two parts. At first, it is convenient to present the perspective of the German philosopher with methodological objectives, in search of its main negative consequence, namely: the impossibility of any kind of extra perspective on anything that is the world or reality. The proposition of perspectivism is that no evaluative consideration can be considered if any status of neutrality, on the other hand, they are symptoms of a given type of existence, and thus, they are determined. After completing this first section of the route, it will be presented as moral consequences arising from the lack of this neutral scale of assessment and the verification of certain are our assessments and also our assessment structures. It will be demonstrated that morality, when taken into account perspectivism, will be inscribed on the plane of the immanence of existence. Given the various forms of life from which various sensibilities relate and transform itself historically, a claim to justify moral values affects how these forms of life cope and face existence. Finally, the task of examining the possibility of establishing a hierarchical regime for these forms of life was agreed.*

*Perspectivismo – Morality – Values*

## Introdução

A tentativa de extração de uma teoria positiva do corpus teórico do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844 - 1900) consiste em uma atitude de não se prender a esquemas tradicionais de argumentação, mas de apresentar todo o referencial conceitual como caminho de uma exposição

lúcida de seu *corpus philosophicus*. Além do mais, são consideráveis as discordâncias entre os vários comentadores do filósofo, especialmente aqueles que compartilham de elementos centrais do perspectivismo. Vale ressaltar que, dificuldades iniciais marcaram os elementos de fundamentação do presente trabalho, principalmente no que consiste a elaboração de uma análise *proba*, da qual emana uma opinião a respeito da produção nietzschiana que contemple, ao mesmo tempo, interpretações diversificadas de comentadores sérios e a filiação constante nas próprias palavras de Nietzsche.

Neste sentido, o artigo está sustentando em uma apresentação clara sobre os pontos estruturais do perspectivismo nietzschiano. Para que fosse possível efetuar uma análise das implicações de tal temática no filósofo foi necessária a defesa da viabilidade do perspectivismo enquanto teoria filosófica em sua nuance negativa. A destituição de uma escala fixa de avaliação, como proposta pelo perspectivismo, leva a uma tarefa de elaborar as linhas gerais de uma pesquisa moral tendo em conta apenas os elementos da ordem do mundano. Tais elementos são extremamente diversificados e se desenvolveram de forma ainda mais diversificada em diferentes alinhamentos sociais circunscritos na história da espécie. Se a validade de uma escala de valor pautada em um horizonte metafísico fixo é descartada pela proposta perspectiva de Nietzsche, como hierarquizar estes vários arranjos avaliativos? Recairemos em um relativismo moral? Uma resposta de Nietzsche a esse respeito poderia assim ser enunciada: É pela ótica da própria existência que essas formas de valoração serão também avaliadas.

Conveio, para tanto, a análise da teoria nietzschiana do perspectivismo tentando sempre ter como norte sua principal conclusão negativa: a destituição de qualquer escala fixa de valoração a partir da qual seria possível derivar perspectivas com pretensão a verdades absolutas. A explicitação de tal peculiaridade se tornou o pressuposto a partir do qual foi possível falar a respeito das implicações morais do perspectivismo. Fundamental será a apresentação de termos e conceitos como sensibilidades, valores e perspectivas em suas constantes articulações acarretando em formas de vida diversificadas. Por fim, conveio a tarefa de examinar a possibilidade de se instituir um regime de hierarquização destas formas de vida.

## 1. O perspectivismo de Friedrich Nietzsche

Para o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, o acesso à realidade é determinado pelo aparato biológico de apreensão dos fenômenos e pela formação histórico-cultural do vivente. A própria percepção seria determinada pela formação linguística e cultural, pelas pulsões inerentes a cada indivíduo e ainda pela constatação de que o humano possui um dentre tantos outros aparatos intelectuais na natureza. Partindo destas constatações, pode-se afirmar que a forma de produção de conhecimento não pode ser considerada neutra, pois o aparato que possibilita o conhecimento é de alguma forma aquilo que também limita o próprio conhecimento. No aforismo 117 – Na prisão – do livro II de *Aurora*, Nietzsche elabora uma metáfora que fornece as linhas gerais de seu perspectivismo:

Na prisão. - Minha vista, seja forte ou fraca, enxerga apenas a uma certa distância, e neste espaço eu vivo e ajo, a linha deste horizonte é meu destino imediato, pequeno ou grande, a que não posso escapar. Assim, em torno a cada ser há um círculo concêntrico, que lhe é peculiar. De modo semelhante, o ouvido nos encerra num pequeno espaço, e assim também o tato. É de acordo com esses horizontes, nos quais, como em muros de prisão, nossos sentidos encerram cada um de nós, que medimos o mundo, que chamamos a isso perto e àquilo longe, a isso grande e àquilo pequeno, a isso duro e àquilo macio: a esse medir chamamos "perceber" - e tudo, tudo

em si é erro! Conforme a quantidade de experiências e emoções que nos são possíveis em média, num momento determinado, cada qual mede a sua vida, breve ou longa, pobre ou rica, plena ou vazia: e segundo a vida média humana medimos a de todas as demais criaturas - e tudo, tudo em si é erro! Se a nossa visão fosse cem vezes mais aguda para as coisas próximas, o ser humano nos pareceria monstruosamente comprido; sim, pode-se imaginar órgãos que fariam percebê-lo como imensurável. Por outro lado, poderia haver órgãos constituídos de tal forma que sistemas solares inteiros parecessem contraídos e ajuntados como uma única célula: e, para seres de conformação oposta, uma célula do corpo humano poderia apresentar-se como um sistema solar, em movimento, construção e harmonia. Os hábitos de nossos sentidos nos envolveram na mentira e na fraude da sensação: estas são, de novo, os fundamentos de todos os nossos juízos e "conhecimentos" - não há escapatória, não há trilhas ou atalhos para o mundo real! Estamos em nossa teia, nós, aranhas, e, o que quer que nela apanhemos, não podemos apanhar senão justamente o que se deixa apanhar em nossa teia. (NIETZSCHE, 2004, p. 90).

Vale reiterar, isso é constitutivo de condição existencial da espécie, o que tem consequências de todo tipo, inclusive morais e epistemológicas. A demonstração de que a forma de conhecer é restringida por um conglomerado de estruturas biológicas e formações socioculturais que imprimem a marca de antropomorfização a qualquer conhecimento reivindicado, repousa sobre um exame objetivo das experiências cognitivas do ser humano. Para um observador dotado de "sentido histórico" e instruído pelo compromisso com a "moral do método", parece impossível se instituir um regime de conhecimento que não seja o da imanência. Isto porque, à luz dos parâmetros referidos, todo o processo de conhecimento humano parte de um ponto de vista dado, específico, nunca neutro e assim, nunca absoluto. Mesmo as pretensas buscas desinteressadas pelo conhecimento dependem de escalas regulamentadas por predisposições prévias. Desta forma, pode-se concluir de boa-fé que o conhecimento sempre é determinado pelas condições imanentes sob as quais ele efetivamente se constitui. Neste sentido, Nietzsche irá esclarecer acerca do que ele considera enquanto perspectivismo:

Devemos afinal, como homens do conhecimento, ser gratos a tais resolutas inversões das perspectivas e valorações costumeiras, com que o espírito, de modo aparentemente sacrílego e inútil, enfureceu-se consigo mesmo por tanto tempo: ver assim diferente, querer ver assim diferente, é uma grande disciplina e preparação do intelecto para a sua futura "objetividade" – a qual não é entendida como "observação desinteressada" (um absurdo sem sentido), mas como a faculdade de ter seu pró e seu contra sob controle e deles poder dispor: de modo a saber utilizar em prol do conhecimento a diversidade de perspectivas e interpretações afetivas. (NIETZSCHE, 2002, p. 108-109)

A afirmação desta determinação do conhecimento é um ponto certo de crítica a qualquer instituição de uma relação distanciada entre um sujeito cognoscente e um objeto dado, rompendo aqui qualquer relação dicotômica, mas antes uma proposta que beira uma relação fenomenológica. Esta relação distanciada surgiria, segundo o pensador da suspeita, a partir de um vício de tipo gramatical. Através de um exame cuidadoso das operações linguísticas e gramaticais que a constitui, Nietzsche defende que a mesma depende de uma série de pressupostos metafísicos dificilmente justificáveis. Como se dá a criação ficcional de um sujeito por detrás de toda ação? Quando da conjugação do verbo "pensar" pressupõe-se que haja um "eu" por detrás da ação, quando se afirma "pensa", automaticamente se é obrigado, segundo a convenção gramatical, a colocar um sujeito

agindo por detrás da ação de pensar. Nas palavras do próprio filósofo: “Raciocina-se segundo a rotina gramatical: ‘Pensar é uma ação, toda ação pressupõe a existência de um sujeito e portanto...’”. (NIETZSCHE, 2001b, P.26). Este sujeito sugere um ser uno e plenamente constituído que usaria de todas as suas potencialidades na confecção de uma ação.

[...] seria pois, esta a ocasião de livrar-se do engano que encerram as palavras. O Vulgo acredita .que o conhecimento consiste em chegar ao fundo das coisas; por outro lado, o filósofo deve dizer-se: "Se analiso o processo expressado na frase ., eu penso", obtenho um conjunto de afirmações arriscadas, difíceis e talvez impossíveis de serem justificadas; por exemplo, que sou eu quem pensa, que é absolutamente necessário que algo pense, que o pensamento é o resultado da atividade de um ser concebido como causa, que exista um "eu"; enfim, que se estabeleceu de antemão o que se deve entender por pensar e que eu sei o que significa pensar. (NIETZSCHE, 2001b, P.25).

A partir daqui, convém assumir que a própria noção de sujeito já é uma arbitrariedade. Tal ficção gramatical em torno da qual o sujeito significa torna-se possibilidade de ser utilizada em sistemas fechados e ficcionais para que uma dada comunidade que busca o conhecimento se ponha de acordo. Porém, cabe plenamente a ressalva de que esta proposta é determinada, porque nasce em meio a uma dada estrutura ficcional mobilizada em função de demandas práticas, o que lhe tira qualquer chance de extra perspectivação ou de neutralidade. É fato notório que o próprio estabelecimento da questão já é escolher um ponto de partida que não tem a possibilidade de se instituir como puro ou não determinado.

Segundo Nietzsche, na busca pelo conhecimento, assim como em outros âmbitos da existência, ocorre constantemente a utilização de pressupostos carentes de justificação epistêmica rigorosa e válida para alegar o conhecimento das estruturas reais o mundo, atestando de forma subliminar o caráter ficcional de nossa maneira de conhecer.

Ajustamos para nós um mundo em que podemos viver – supondo corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé, ninguém suportaria hoje viver! Mas não significa que eles sejam provados. A vida não é argumento; entre as condições da vida poderia estar o erro. (NIETZSCHE, 2001a, p. 145).

De imediato, fica evidente a falta de um ponto fixo através do qual fosse possível lançar olhares ao mundo. Isto porque não existem evidências fortes que falem em favor deste horizonte fixo de justificação. Pois, o que se oferece é uma série disposta de pressupostos epistêmicos e metafísicos a partir dos quais se deriva uma série limitada de propostas de conhecimentos que testam sua eficácia no embate cotidiano com teorias opostas, das quais conta mais pontos aquela que nos oferece melhores condições para descrever e controlar o mundo exterior, criar, e principalmente, justificar ações e sistemas morais regulativos. O funcionamento deste sistema é visto através da evolução das ciências e de outras formas de conhecimento humanos, sempre observando seu caráter inerentemente voltado à sobrevivência.

Neste momento, torna-se importante que se faça a seguinte observação: Nietzsche não contesta o poderio da ciência, mas busca eliminar a credibilidade dada a toda sedimentação metafísica contida nas buscas constantes por conhecimento. A maleabilidade de conceitos científicos regulativos permanece como uma ferramenta com fortes predisposições vitais. Como foi afirmado enfaticamente, sua efetividade foi atestada em combate e se demonstrou profícua para o bom andamento

e enriquecimento da espécie humana.

Qualquer tipo de sedimentação mítica, para não dizer metafísica, é duramente questionada a fim de que se reconheça o caráter estritamente mundano de qualquer conhecimento, criado no interior da curta história da importante ferramenta que é a racionalidade, muita das vezes instrumentalizada a fim de outros interesses. Durante a história da filosofia, não são exceções as teorias que atribuem à racionalidade o papel de estabelecer uma relação distanciada com a realidade, como se fosse possível estabelecer um processo de busca pelo conhecimento em que a realidade seria um objeto a ser analisado e o sujeito um ser cognoscente com distanciamento para tanto. Contra esta proposta, Nietzsche afirma o caráter histórico e biológico da razão, tentando demonstrar que a real função do aparato racional é ser uma ferramenta que tem como aplicações a promoção e a conservação da vida, e não uma faculdade com vistas à transcendência e com a qual conseguiríamos acesso à realidade de forma direta e absoluta.

Durante enormes intervalos de tempo, o intelecto nada produziu senão erros; alguns deles se revelaram úteis e ajudaram a conservar a espécie: quem com eles deparou, ou os recebeu como herança, foi mais feliz na sua luta por si e por sua prole. Esses equivocados artigos de fé, que foram continuamente herdados, até se tornarem quase patrimônio fundamental da espécie humana são os seguintes, por exemplo: que existem coisas duráveis, que existem coisas iguais, que existem coisas, matéria, corpos, que uma coisa é aquilo que aparenta (NIETZSCHE, 2001a, p.137).

Em um sentido mais direto, ele recoloca a racionalidade como uma ferramenta natural para a vivência do indivíduo. A partir de uma interpretação distinta, reafirma o surgimento biológico da razão e a recoloca em sua imanência. Dado seu surgimento natural, qualquer capacidade de transcendência fica totalmente desacreditada, isto é, dado que a espécie humana é fruto de um processo evolutivo, sua constituição biológica é fruto deste processo e a razão surge como uma ferramenta com utilidades vitais. A constituição biológica permite o desenvolvimento de componentes complexos, tais como linguagem e raciocínios. Até onde se sabe, são exatamente esses componentes complexos que permitem a criação de conhecimento. Mesmo que elementos de cultura sejam extremamente importantes na criação de perspectivas, ainda assim, o caráter biológico de nosso aparato de conhecimento parece fundamental.

Com esse ataque à metafísica apelando à imanência, Nietzsche não procura demonstrar a impossibilidade de existência de um mundo prometido pelos metafísicos. Ele demonstra, apenas, a inutilidade da busca por este mundo outro. O filósofo afirma: “É verdade que poderia existir um mundo metafísico; dificilmente podemos contestar sua possibilidade absoluta”, entretanto, mesmo que essa possibilidade permaneça, “com ela não se pode fazer absolutamente nada (...)”. Pois, “olhamos todas as coisas com a cabeça humana, e é impossível cortar essa cabeça (...)”. (NIETZSCHE, 2005, p.20). Ou seja, mesmo com a possibilidade de existência de um mundo metafísico, a pretensa proposta de chegada até ele, seria absurda.

Fica evidente que a proposta de análise aqui apresentada teve objetivo de trazer uma análise da teoria que traça um caminho pelos meandros do pensamento sobre o perspectivismo do filósofo alemão, sem esbarrar nos problemas mais centrais que esta teoria traz consigo. O principal motivo para isso é que a tentativa não é a de construir uma teoria positiva do perspectivismo, não é o objetivo demonstrar a efetividade desta teoria enquanto proposta epistemológica que faça frente a tantas outras teorias epistêmicas. Aqui convém apenas o uso metodológico do perspectivismo, em busca de sua principal consequência negativa, qual seja: a impossibilidade de qualquer tipo de extra

perspectivação sobre qualquer coisa que seja o mundo ou a realidade. Aqui, o objetivo não é o de colocar o perspectivismo como o fundamento de toda teoria epistemológica, outrossim, é estabelecê-la enquanto um entrave a quaisquer tentativas de traço de uma relação distanciada entre sujeito e objeto. Com o objetivo de explorar ainda mais a temática, faz-se mister problematizar as possíveis implicações morais acarretadas pelo perspectivismo.

## 2. As implicações morais do perspectivismo de Friedrich Nietzsche

Com a destituição da validade de qualquer escala fixa e transcendente através da qual seria possível a avaliação dos valores de forma desinteressada, a noção de dever, enquanto imperativo categórico perde sua efetividade. Já não há uma tábua de preceitos em forma de um “tu deves” a partir do qual se teria a segurança de enunciar juízos morais universais. O pressuposto básico e central para o tratamento de quais são as implicações morais do perspectivismo é a falta de uma escala transcendente, a falta de uma escala fixa, a destituição de todo e qualquer norte metafísico. É no palco do mundano que se desenvolvem as várias narrativas morais, suas justificações e surgimento não podem recorrer a propostas de transcendência, outrossim, é no campo das *lebensformen* (formas de vida) que elas encontram sentido e é pela ótica da vida que elas poderão ser hierarquizadas.

No entanto, diante desta negação completa do absoluto, não proclamaria Nietzsche uma total indiferença tanto em relação ao modo de conhecer como aos próprios valores, não sendo possível ter aqui uma implicação positiva sobre os valores afirmativo da vida em sua máxima potência? Não estaria aqui Nietzsche substituindo a metafísica por um ‘puro relativismo’ alicerçado em um niilismo sem qualquer horizonte valorativo? Ora, neste sentido,

uma coisa é recusar a lógica da verdade e reduzi-la a uma interpretação particular; coisa totalmente diferente é proclamar a igualdade de direito de todos os pensamentos, teorias e opiniões e abandoná-los assim ao indiferentismo. Este é um ponto que nunca é demais sublinhar: o fato de não haver interpretações verdadeiras significa, portanto, em Nietzsche, não que tudo se equivalet, mas que é em termos de valor que se trata de questionar agora, ou seja, de um modo mais radical do que a busca da verdade possibilitava: esse trabalho de avaliação das interpretações relançava verdadeiramente a interrogação filosófica ao invés de apagá-la (Wotling, 2011, p. 47).

Desta forma, o perspectivismo não apenas demonstra a problemática do caráter subjetivo da verdade dentro de suas condições históricas apontando a negatividade de uma moral absoluta negadora da vida, mas indica caminhos para a construção de novos valores através de uma ampliação do que significa o mundo a partir das vivências, do existir humano pensado a partir de uma relação integral entre o corpo e a mente, superando o dualismo recorrente do racionalismo.

Neste sentido, observa-se uma crítica direta do pensador alemão aos idealistas, bem como ao positivismo e sua tradição ao recusar qualquer sentido absoluto, seja por trás das coisas, seja um “ser” por trás da interpretação da realidade. Torna-se aqui necessário, dentro da visão nietzscheana, partir da pluralidade de interpretações como fundamento para não só compreender o status do conhecimento, mas também propor uma ressignificação dos valores a partir deste novo processo de conhecer baseado em uma posição perspectivista.

A questão "o que é isto?" é uma imposição de significado a partir de algum outro ponto de vista. A "essência", a "natureza essencial", é algo perspectivístico e já pressupõe uma multiplicidade.

No fundo dela está sempre a questão "o que é isto para mim"? (para nós, para tudo que vive, etc.). Uma coisa terá sido definida desde que todas as criaturas tenham perguntado "o que é isto?" e tiverem sua questão respondida. Supondo que uma única criatura, com suas próprias relações e perspectivas para todas as coisas, estivesse faltando, então a coisa ainda não teria sido "definida". Em suma: a essência de uma coisa é apenas uma opinião sobre a "coisa". Ou, antes: o "passa por" é o real "é", o único "isto é" (Nietzsche, 1968, §556).

Ainda há quem procure delegar à razão o papel exclusivo de criadora de valorações morais. Grosso modo, essa postura filosófica afirma que a história natural e biológica da espécie em nada teria a acrescentar ao debate a respeito de nossas valorações morais, pois, em algum momento da história natural, haveria ocorrido uma ruptura total entre a natureza e a humanidade. Segundo essa proposta, a tarefa de encontrar justificações para normatizações morais seria pautada apenas em um trabalho teórico. Contra esta postura, que poderia ser chamada de racionalista extremada, o pensamento nietzschiano demonstra a inscrição da racionalidade na história natural e social da humanidade, sendo que essa sua determinação pode ser considerada uma objeção forte contra qualquer tipo de racionalismo moral abstrato. Por outra via, não significa que Nietzsche irá propor uma forma contrária de investigação, qual seja, aquela que daria créditos apenas aspectos de ordem biológica, pois, é evidente que em algum momento da história natural da espécie, a autonomia da humanidade alcança um grau importante para a determinação das normas morais, e essa autonomia está fora da ordem biológica.

É possível encontrar em Nietzsche propostas que, transitando por um caminho médio, conseguem ultrapassar a dificuldade, de tal modo que, ao mesmo tempo que este processo de criações culturais da espécie parece inegável, ainda assim há elementos de biologia que incidem decisivamente em nossa forma de avaliar e criar valores. O próprio naturalismo, abraçado por Nietzsche como seu referencial teórico principal, é capaz de abranger ambas as escalas. Parafraseando o comentário de Richard Schacht: ao mesmo tempo em que Nietzsche vê a importância irreduzível deste processo de "des-animalização", também dá "ênfase à nossa natureza animal, e seu interesse pelos âmbitos em que ela continua a governar e dar forma à vida humana", permanece inabalável. (SCHACHT, 2011, p.60). Sendo assim, o surgimento de perspectivas valorativas extremamente diversificadas traz consigo elementos biológicos da ordem do natural inerentes à espécie e elementos "des-animalizados" desembocando na cultura.

Após a contestação de um tipo de moral que se nortearia pela metafísica, a humanidade tem como caminho a percorrer aquele que busca estabelecer para si objetivos em prol de um *optimum* de existência, tomando sua condição mundana como o que há de mais importante. O que Nietzsche faz é apresentar o desafio ao qual a humanidade precisa se lançar após a desconsideração da metafísica, fornecendo inclusive algumas pistas de como esta busca deve ser efetuada. Já que vemos demonstrada a impossibilidade de uma tábua metafísica da qual derivariam todas as normatizações morais universalmente justificadas, surge a obrigação de reconhecer as normas morais como fruto de convenções mais ou menos determináveis quanto a sua história. A formulação destes juízos seria decorrente de uma variedade de impulsos racionais e biológicos extremamente diversificados.

O apanhado destes elementos irá evidenciar formas diferentes de valorações morais. Juntamente com isto, ocorre o reconhecimento de uma diversidade de formações culturais complexas das quais derivam ainda outras tantas ainda mais diversificadas, neste sentido, afirma Schacht, "a vida humana chega a ser configurada de forma diferente, não apenas em sociedades e culturas diferentes, mas inclusive no próprio interior destas" (SCHACHT, 2011, p. 65). É da reorganização de pulsões, perspectivas e valores frente a vida que surgiram estes complexos. Ainda na linha da

interpretação proposta por Schacht, vemos que Nietzsche irá dar o nome de sensibilidades a estas várias formas de ajuntamento. Sensibilidades diferentes promovem modos de vida diversificados. (Idem).

É importante ressaltar que essa processualidade não ocorre de forma retilínea ou facilmente determinável. Trata-se de um complexo jogo entre as várias sensibilidades, do qual apreendemos a incorporação e desagregação constante entre hereditariedades biológicas, valores morais de uma comunidade, perspectivas coletivas e individuais, instituições formadoras de processos avaliativos, etc. Qualquer tentativa de determinação linear de cada um destes pontos, a fim de que se institua uma história causal do processo, tende a resultar em nada. O tipo do processo, como enunciado em outros momentos, é da ordem do dinâmico e o jogo a ser jogado é o das sensibilidades historicizadas e modificáveis.

Aparando algumas arestas, dois questionamentos surgem quando da apresentação de teorias do gênero desta que está sendo apresentada, ambos versando em maior ou menor grau sobre o âmbito de hierarquização entre as várias valorações e perspectivas de ordem moral. Primeiro, se o que persiste é a formação de sensibilidades diversificadas, decorrentes de um rearranjar constante de elementos da ordem do mundano, sem nenhuma escala transcendente e fixa de avaliação, o que se torna assim a teoria enunciada? De duas uma, (1) ou ela assume um status de extra perspectivação e se torna a única verdade absoluta em um mundo de perspectivas, o que seria um calcanhar de Aquiles para a teoria em causa, (2) ou se preserva como uma dentre tantas outras perspectivas e perde em termos de força e legitimidade. Segundo o critério tradicional de avaliação e hierarquização perdeu sua legitimidade, qual seria o novo critério a partir do qual os vários valores poderiam ser hierarquizados?

Como afirma Silva Pimenta Velloso Rocha, esta primeira problemática surge de uma questão mal colocada, qual seja, a que concebe o perspectivismo como uma teoria “epistemológica segundo a qual o conhecimento varia de acordo com o ponto de vista”. Entendido o conceito desta forma, fica impossível para Nietzsche eliminar o problema proposto acima. Entretanto o que é passível de estabelecimento é que o perspectivismo nietzschiano não deve ser confundido com este tipo de proposta relativista. A tese de Nietzsche é a da ordem da imanência, isto é, a de que seria impossível que se estabelecesse um regime de conhecimento que se pautasse na “hipótese de toda instância transcendente ou subjacente ao mundo”. (ROCHA, 2003, p. 17).

Considerar o perspectivismo de Nietzsche como uma teoria epistemológica gera no mínimo uma contradição, pois o que o filósofo opera com sua teoria é exatamente a destituição de qualquer legitimidade para o acesso à verdade transcendente ou à ordem da essência mundo. Desde que se dê atenção a esta modificação nas regras do jogo, Nietzsche não só aceita que sua perspectiva seja uma dentre tantas outras, como se regozija diante de tal situação, “Mas como isso não é mais que uma interpretação, já sei que objetareis: pois bem, tanto melhor!” (NIETZSCHE, 2001b, p. 32).

O segundo e mais importante questionamento decorrente do exposto é: Se o critério tradicional de avaliação e hierarquização perdeu sua legitimidade, qual seria o novo critério a partir do qual os vários valores poderiam ser hierarquizados? Caso esta resposta não seja dada, corre-se o risco da obrigatoriedade de certo tipo de relativismo moral. O próprio Nietzsche é enfático na importância da recriação desta hierarquização de valorações morais, chegando mesmo a considerá-la a questão filosófica por excelência.

A questão: que *validade* possui esta ou aquela tábua de valor, esta ou aquela "moral"? Precisa ser posta sobre as mais variadas perspectivas; especialmente a questão "válida *para qual fim?*" jamais



será eviscerada de forma sutil [...]. O bem do maior número e o bem dos poucos consistem em considerações antitéticas de valor; reter que o primeiro desses pontos de vista tenha um valor superior a algo que queremos relegar à ingenuidade dos biólogos ingleses... *Todas as ciências devem elaborar em via preparatória a tarefa futura dos filósofos: concebendo esta tarefa no sentido de que o filósofo precisa resolver o problema do valor, deve determinar a hierarquia dos valores* (NIETZSCHE, 2002, 45 - 46).

Dadas às várias formas de vida a partir das quais múltiplas sensibilidades se relacionam e se transformam historicamente, a pretensão de justificação dos valores morais incide sobre como estas formas de vida dão conta e enfrentam a existência. Em termos mais claros, pode-se afirmar: as sensibilidades tornadas práticas pelas formas de vivência de dadas comunidades e agentes podem ser hierarquizadas apenas no palco em que elas se desenrolam, ou seja, na existência mesma. Sendo assim, a hierarquização de valores morais terá como critério último a própria existência da qual elas emanam e na qual elas avaliam.

Outro desvio se faz conveniente neste ponto. Uma pergunta que parece ser importante de ser respondida versa sobre a qualidade de mediação prática do critério de hierarquização proposto por Nietzsche. Na disputa contemporânea constante entre comunidades com crenças morais sacralizadas, como levar a frente a hierarquização como proposta pelo filósofo alemão? Seguindo a linha nietzschiana, levando em conta algumas palavras próximas ao que Nietzsche mesmo afirma, convém que a hierarquia seja dada mediante a plasticidade de incorporação que cada comunidade é capaz de abarcar. Mediante a diversificada gama de situações dadas pela própria vida, convém que as várias comunidades morais deem conta dessa existência com o máximo de olhares possíveis, tornando-se aptas a incorporar o maior número de vivências. A afirmação da existência será coisa constante e a plasticidade para incorporação mediante a tragicidade da existência é o que se tem de mais importante.

Poderíamos ainda nos estender sobre o poder de se hierarquizar perspectivas a partir da existência, tanto no plano metodológico do corpus teórico nietzschiano, demonstrando que toda a obra do filósofo é permeada por uma atitude constante de afirmação da existência, diluindo assim grande parte de suas presumíveis contradições, quanto no plano da apresentação de uma teoria moral partindo do perspectivismo. A colocação da chave afirmação\nnegação da existência se torna o ponto decisivo da reflexão, em vista da impossibilidade de encontrarmos na chave epistemológica verdade\nfalsidade um acesso promissor para o tema, dado que a chave epistemológica já é em si herdeira de valores secundários, sendo elas mesmas interpretações que afirmam ou negam a existência.

É extremamente importante ressaltar que permanece a livre circulação de conhecimento em sistemas como o das ciências naturais. Entretanto, é importante que se compreenda seu funcionamento “em termos de puros *conceitos*, ou seja, como ficções convencionais que servem para designar, para pôr-se de acordo, porém de modo algum para explicar alguma coisa. (NIETZSCHE, 2001b, p. 30 – 31). Nietzsche dá ainda mais importância às ciências naturais, como Schacht lembra oportunamente, “da primeira seção de *Humano, demasiado humano* (1878) em diante Nietzsche passa a atribuir grande importância à sofisticação científico-natural”. (SCHACHT, 2011, p. 38). Apesar disso, Nietzsche parece enfático em afirmar que grande parte do que transcorre no âmbito do humano não pode ser bem compreendido apelando apenas para o método científico. A visão proposta pelas ciências naturais é extremamente importante, porém, as perspectivas psicológicas, históricas, fisiológicas, culturais, sociológicas, o trágico, dentre outras, também se coloca como ferramenta de análise para o transcorrer dos acontecimentos e criações humanas.

## Conclusão

A moralidade tomada a partir do perspectivismo de Nietzsche define uma tarefa de análise que demanda ainda muito trabalho, pois a retirada de pressupostos da ordem do metafísico faz com que o jogo seja jogado apenas no âmbito do mundano. Com a retirada de categorias ligadas às noções de essência e substância, as normatizações finalmente se veem como criações que nada têm a ver com mundos outros, pois é na história da humanidade e para servir a objetivos ecumênicos da espécie que elas foram criadas. Criações valorativas com utilidade vital. A ocorrência de formas de vida diversas com sensibilidades ainda mais diversificadas é o que se apresenta como objeto de análise, análise esta que pode se beneficiar de uma metodologia naturalista, e por que não naturalista, que leve em conta a maior quantidade de olhos para que se consiga extrair o máximo possível de uma dada estrutura avaliativa. A hierarquização se dará não por uma tábua contendo mandamentos extraídos diretamente de outro mundo, uma vez que é no palco da existência que estas valorações são criadas, é no plano da história que elas se desenvolvem, se alteram, se congregam e por vezes se digladiam, é no plano da existência que elas tomam e criam sentidos variados. Sendo no palco da vida que seu espetáculo transcorre, é também pela vida que convêm que as mesmas sejam avaliadas.

## Referências

- NIETZSCHE, F. (1882). *A gaia ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.
- \_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal*. Tradução: Mario Pugliesi. Curitiba: Hemus, 2001b.
- \_\_\_\_\_. (1881). *Aurora*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras; 2004.
- \_\_\_\_\_. (1887). *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. (1778). *Humano, demasiado humano*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *The will to power*. Nova York: Vintage Books, 1968. Tradução de Walter Kaufmann e R. 1. Hollingdale.

## Literatura Secundária

- AZEREDO, V. D. *Nietzsche e a aurora de uma nova ética*. S. Paulo: Humanitas/Fapesp, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche e a modernidade: ponto de virada*. Cadernos Nietzsche, v. 27, p. 143-168, 2010.
- BARRENECHEA, Miguel Angel. *Nietzsche e a liberdade*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.
- CHAMBERLAIN, Lesley. *Nietzsche em Turim (o fim do futuro)*. Rio de Janeiro: Difel; 2000.
- DANTO, A.C. *Nietzsche as philosopher*. New York: Columbia University, 1980.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LEBRUN, Gérard. *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosacnaify; 2006. (orgs: Maria L. Cacciola.; Carlos A. Moura; Marta Kawano).

- \_\_\_\_\_. *O avesso da dialética*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- MACHADO, Roberto (Org) *Nietzsche e a polêmica sobre o nascimento da tragédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O nascimento do trágico, de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MARQUES, Antônio. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso editorial/ Editora Unijuí, 2003
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Extravagâncias. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: discurso editorial e editora UNIJUÍ, 2001.
- \_\_\_\_\_. (org). *Nietzsche hoje?* São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PIMENTA, O. *Livro de filosofia*. Belo Horizonte: Tessitura, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A invenção da verdade*. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.
- ROCHA, Sílvia Pimenta Velloso. *Os abismos da suspeita*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003
- SCHACHT, Richard. *Nietzsche*. London: Routledge & Kegan Paul, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O Naturalismo de Nietzsche*. In: Cadernos Nietzsche nº 29. São Paulo: USP, 2011.
- WOTLING, Patrick. *Vocabulário de Friedrich Nietzsche*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2011).